



Revista Estudos Feministas

ISSN: 0104-026X

ref@cfh.ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina
Brasil

CÁSSIA KAMITA, ROSANA

REVISTA "A MENSAGEIRA": ALVORECER DE UMA NOVA ERA?

Revista Estudos Feministas, vol. 12, septiembre-diciembre, 2004, pp. 164-168

Universidade Federal de Santa Catarina

Santa Catarina, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38114353018>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

REVISTA “A MENSAGEIRA”: ALVORECER DE UMA NOVA ERA?

ROSANA CÁSSIA KAMITA

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Resumo: *A Mensageira* “revista literária dedicada à mulher brasileira”, lançada por Presciana Duarte de Almeida (1867-1944), circulou em São Paulo, entre os anos de 1897 a 1900. Destinada à produção literária feminina, publicava também artigos que defendiam a emancipação das mulheres, reivindicando especialmente uma educação de qualidade. Em suas páginas figuravam nomes como os da escritora Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) e da portuguesa Guiomar Torrezão (1844-1898), escritora e líder feminista.

Palavras-chave: revista *A Mensageira*; literatura; feminismo.

A Mensageira, “revista literária dedicada à mulher brasileira”, foi lançada em São Paulo pela escritora e feminista Presciana Duarte de Almeida,¹ circulou entre os anos de 1897 e 1900, de início com periodicidade quinzenal e mensal a partir de 1899. Eram publicados textos em prosa e verso, com ênfase à produção literária feminina, e artigos nos quais se salientava a preocupação com a posição da mulher na sociedade e os preconceitos por elas enfrentados.

Não é uma publicação, como outras do período que destacavam assuntos como trabalhos manuais, moda, culinária, puericultura. A intenção era a de discutir questões relativas à emancipação da mulher, com a veiculação de textos literários, artigos que tratassem do tema, além dos editoriais com a reflexão crítica acerca da situação feminina. Para esse trabalho foi utilizada a edição fac-similar, em dois volumes, publicada pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.²

O valor de um periódico como esse pode ser melhor avaliado se for devidamente contextualizado na época em que foi divulgado. O século XIX foi marcado por muitas transformações, destacando-se a consolidação do capitalismo, o desenvolvimento da vida urbana, e o fortalecimento de ideais burgueses, responsáveis, em grande parte, pela organização familiar, incluindo-se aí os papéis atribuídos a cada membro da sociedade.

A partir da segunda metade do século XIX as mudanças se acentuaram, os avanços tecnológicos aportavam no Brasil vindos da Europa, o que incitou o desenvolvimento de alguns centros urbanos. O panorama já poderia ser considerado mais favorável à educação formal das mulheres. Através desses pequenos progressos, uma parcela limitada da população tornou-se alfabetizada. Em relação à mulher ela deveria receber uma educação voltada à sua vida familiar, ou seja, não receberia instrução que a levasse à autonomia crítica, mas a ênfase recairia sobre sua formação moral.

Se hoje a posição da mulher na sociedade se distancia cada vez mais do papel feminino exercido no século XIX é graças ao empenho de mulheres que viveram à frente de seu tempo, expondo-se às críticas e lutando para conquistar o espaço quase sempre bastante cerceado. Esse percurso em árido terreno fez com que as mulheres fossem pouco a pouco almejando ampliar sua atuação na sociedade, não se limitando à esfera doméstica: "No final do século XIX, algumas mulheres não mais queriam apenas respeito, tratamento favorável dentro da família ou direito à educação, mesmo educação universitária, mas sim o desenvolvimento pleno de todas as suas faculdades, dentro e fora do lar".³ Com todas as limitações intelectuais e sociais, houve escritoras brasileiras que superaram os obstáculos e escreveram. Torna-se importante, sem condescendência, reconhecer a dedicação e coragem das brasileiras que publicaram suas obras, fazendo prevalecer a vontade acima dos preconceitos que poderiam vir a sofrer. Não era fácil às escritoras insurgirem-se aos padrões impostos para o comportamento feminino, e mesmo após a publicação de suas obras, ainda haveria a opinião do público leitor e dos críticos literários da época: condescendência com censura embutida ou mesmo desestímulo preconceituoso em relação à iniciativa de algumas escritoras. Se a tentativa literária demonstrasse senso crítico ou se posicionasse em relação a temas que se distanciassem do espaço doméstico ou do sentimentalismo vazio, a crítica se tornava mais severa.

Outras mulheres também não perderam a oportunidade de denunciar a discriminação feminina, principalmente aquelas que tiveram condições de se instruírem, e se colocaram a serviço de uma causa social, objetivando tirar do marasmo, da ignorância e do servilismo a maioria das mulheres da época. A imprensa muito colaborou no sentido de superar preconceitos e garantir às mulheres uma participação mais ativa na sociedade brasileira do século XIX, como por exemplo: *Jornal das Senhoras*, *Belo Sexo*, *A Família*, *A Mensageira*, dentre outras publicações. No primeiro número de *A Mensageira* no texto intitulado "Entre amigas", Júlia Lopes de Almeida,⁴ uma das principais colaboradoras da revista, reflete sobre o valor da iniciativa de Presciliana Duarte de Almeida:

Não é sem algum espanto que escrevo este artigo, para um jornal novo, e, de mulheres! É uma tentativa sem grandes fundamentos? Viverá pouco? Ficarão? Só o tempo poderá responder a estas perguntas; entretanto, que fique, ou que passe no sopro ligeiro dos dias curtos, esta revista assignala um facto, digno de attenção de que o movimento feminista vae desenvolvendo a força de suas azas, no Brazil.⁵

A revista *A Mensageira* preocupava-se em defender uma educação de qualidade para as mulheres. A princípio os textos eram fundamentados em argumentos que de certa forma corroboravam com o preconceito em relação à mulher, ou seja, a educação feminina era defendida porque assim ela teria condições de exercer com maior competência seu papel de mãe e criar filhos que seriam melhores cidadãos. Em um segundo momento, no entanto, os argumentos pautavam-se na necessidade de uma educação à mulher que lhe permitisse participar do mercado de trabalho, ideal partilhado por muitas feministas da época, que consideravam esse o caminho para a autonomia feminina econômica e intelectual. Os excertos abaixo ilustram essas concepções, o primeiro pertence ao editorial "Falso encanto", escrito por Maria Emilia,⁶ o segundo, "Carta do Rio", foi escrito por Maria Clara da Cunha Santos:⁷

Pensem assim ou não, entretanto, queiram ou não queiram, a mulher instruida, forte, capaz de velar à cabeceira de um filho enfermo, auxiliando as prescruações da sciencia; ou de repellar com energia as chalaças de qualquer imbecil, será a mulher do futuro, será a verdadeira companheira do homem, que sabe participar de todos os seus pensamentos e ajudal-o em todas as resoluções difficeis.⁸

A proposito da educação moral da mulher, escreveu Maria Amalia Vaz de Carvalho, no "Jornal do Comércio", um excelente artigo intitulado "A mulher do futuro". A illustre escriptora penitencia-se em publico e raso do seu antigo modo de pensar a proposito das profissões que as mulheres deviam adoptar.

Ate então Maria Amalia aconselhava e dizia em bonitos e bem lançados artigos que a mulher devia estudar e se instruir para embellesar a vida do seu companheiro de existencia, do eleito de su'alma, para se tornar a flor delicada do lar, centro de todo o carinho, para ser, em summa, o ideal e o unico pensamento do marido; hoje, mais pratica e mais positiva, ensinada, talvez, por grandes desillusões, ella aconselha o estudo como uma arma de combate; a profissão liberal como uma providencia immediata e mostra com elevado estylo e fortes analyses de factos incontestaveis a necessidade que a mulher tem de se preparar para a lucta, procurando pelo esforço próprio a sua independencia, a sua vida. Ainda bem! Causava-me espanto o antigo modo de pensar da illustre escriptora relativo a esse ponto de magna importancia no momento actual. Hoje, que ella publicamente se mostra arrependida de seu modo de pensar – poetico em demasia – eu venho annunciar, com alegria, esse facto aos leitores desta revista.

Mais uma para o nosso lado!⁹

As escritoras que colaboraram com a revista tiveram a oportunidade de um meio de comunicação que lhes permitisse expressar seus anseios e expectativas e a literatura não se limitava a uma arte, mas projetava-se também como meio de reflexão, enquanto mulher e escritora. Era uma publicação "dedicada à mulher brasileira", o propósito era o de alertar as mulheres para seu estado de submissão, mostrar-lhes que era possível ambicionar uma participação mais efetiva na sociedade, deixar no passado a imagem de um ser frágil, incapaz de embates intelectuais, a passar tardes inteiras distraída com meadas de linhas e de quando em vez passar os olhos por poemas de Casimiro de Abreu ou verter algumas lágrimas ao terminar de ler o último capítulo de um folhetim. Esse era o estereótipo da mulher do século XIX, cumpria-se agora construir a imagem da mulher do futuro. Os trechos a seguir transcritos expressam as expectativas em relação à revista *A Mensageira* e o desejo de que publicações como essa colaborassem para uma nova perspectiva em relação à emancipação feminina, como é possível perceber pelos testemunhos de Anália Franco¹⁰ e Guiomar Torreão:¹¹

Realmente, o pensamento de encetar uma publicação, afim de pugnar pelos direitos e deveres da mulher brasileira, para tornal-a mais valida e mais forte, podendo, como o homem, resistir altiva, corajosa a todas as luctas e amarguras da vida, é uma idéa grandiosa e de magno alcance. Emtanto, essa idéa que tem feito tantos adeptos entre os grandes apostolos do bem, entre nós ainda não envolve uma solução efficaz, pelas multiplas difficuldades que tem a vencer.

A mulher brasileira, com algumas excepções, acostumada a não amar a leitura por julgal-a um elemento de perversidade, em razão da má educação que nos deram, parece não sentir a necessidade de uma distracção superior.

A vaidade e o desejo ardente de brilhar pelas graças exteriores, constituem a estreita ambição e o pensamento de muitas, que acreditam ser esta civilisação a ultima conquista do progresso humano. As consequencias d'isto são o enfraquecimento sensível das noções da responsabilidade e do dever, a tendencia decisiva para essa preguiça mental que nos quebranta e esterilisa. Conceber o bem não basta, é preciso fazel-o fructificar; eis a missão grandiosa da *Mensageira*, que deve ir pouco a pouco rasgando á mulher brasileira horizontes cada vez mais vastos, visto que o progresso reclama a educação universal e pede costumes novos.¹²

Felicito-a pela sua *Mensageira*, porta-estandarte do movimento *feminista* no Brazil, que me traz em cada numero que leio, com progressivo e affectivo interesse, um grande e consolador jubilo.

É digno da forte e opulenta raça, exuberante de seiva, dos Estados Unidos do Sul, a aspiração para uma nova era, susceptível, creio eu, de imprimir á humanidade um novo e modelar feitio moral, mental e social, que vibra, como o cantico da aurora, preadivinhando o glorioso dia, nas colunas da *Mensagem*.
Saúdo-a pelo seu empreendimento, que tão decisiva e benéfica influencia deverá ter nos destinos da mulher brasileira e no vasto território da sua patria.¹³

Os ideais feministas de *A Mensageira* devem ser entendidos a partir do cenário sócio-político-econômico de fins do século XIX. Como Guiomar Torrezão salientou: "O feminismo é a causa mais intuitivamente logica e mais importante para o aperfeiçoamento e engrandecimento da humanidade, que o seculo XIX leva á solução do seculo XX".¹⁴

Notas

Copyright © 2004 by Revista Estudos Feministas.

¹ Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944). Escritora e feminista. Publicações: *Rumorejos* (1890); *Sombras* (1906); *Vetiver* (1939); *Antologia Poética* (1976 póst.).

² Agradeço à Profa. Dra. Zahidé Lupinacci Muzart o empréstimo dessa edição.

³ June HAHNER, 1981, p. 81.

⁴ Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). Escritora, uma das mulheres de maior prestígio intelectual no Brasil em sua época. Colaborou com jornais de grande circulação e periódicos produzidos por mulheres. Publicou várias obras, dentre as quais: *A família Medeiros* (1892); *A viúva Simões* (1897); *Eles e elas* (1910); *Era uma vez...* (1917); *Pássaro Tonto* (1934).

⁵ ALMEIDA, n. I, v.1, p. 3.

⁶ Maria Emília Lemos, prosadora, assídua colaboradora de *A Mensageira*.

⁷ Maria Clara da Cunha Santos (1866-1911), poetisa e prosadora uma das principais colaboradoras da revista *A Mensageira*.

⁸ LEMOS, v. I, n.2, p. 17.

⁹ SANTOS, n.II, v.30, p. 120-121.

¹⁰ Anália Franco (1856-1919). Escritora, dedicou-se a intenso trabalho assistencial.

¹¹ Guiomar Delfina de Noronha Torrezão (1844-1898). Escritora portuguesa; líder feminista.

¹² FRANCO, n.I, v.12, p. 178.

¹³ TORREZÃO, n.I, v.15, p. 190.

¹⁴ TORREZÃO, n.II, v.36, p. 239.

Referências

- ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Eles e Elas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1910.
- _____. *Era uma vez...* Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos, 1917.
- _____. *A família Medeiros*. Rio de Janeiro: Empresa Nacional de Publicidade Editora, 1919.
- _____. *Pássaro Tonto*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.
- _____. *A viúva Simões*. Florianópolis: Ed. Mulheres/Edunisc, 1999.
- ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (Diretora). *A Mensageira: revista literária dedicada à mulher brasileira*. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/Secretaria de Estado da Cultura, 1987. [Reprodução em livro, dois volumes, da Revista Literária publicada de 1897 a 1900, na cidade de São Paulo.]
- _____. *Pirilampos e Rumorejos*. Rio de Janeiro: Tip. Lit. de Carlos Gaspar da Silva, 1890. [Pirilampos foi escrito por Maria Clara da Cunha Santos.]
- _____. *Sombras*. São Paulo: Tipografia Brasil (Rothschild & Co.), 1906.
- _____. *Vetiver*. São Paulo: Tipografia Cupolo, 1939.
- _____. *Antologia Poética*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1976.
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.

- HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- LUCA, Leonora de. *A Mensageira: uma revista de mulheres escritoras na modernização brasileira*. 1999. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Sociologia). Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas.
- SCHUMAHER, Schuma e BRAZIL, Érico Vital (Orgs.). *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Magazine A Mensageira: Dawn of a New Age?

Abstract: A Mensageira "literary magazine dedicated to the Brazilian woman", introduced by Prescília Duarte de Almeida (1867-1944), it was available in São Paulo, between the years of 1897 to 1900. Destined to the feminine literary production, it also published articles that defended the women's emancipation, especially demanding a quality education. In its pages appeared names like the writer Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) and the Portuguese woman Guiomar Torrezão (1844-1898), writer and feminist leader.

Keywords: A Mensageira, literature, feminism.